

---

## **A POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE INTOLERÂNCIA E A SAÚDE MENTAL DE MULHERES NO AMBIENTE PROFISSIONAL DE SERVIÇOS GERAIS E EDUCAÇÃO.**

Érica Flaviane Souza Nascimento<sup>1</sup>

Juliana Barbosa Da Cruz<sup>1</sup>

Luana Beatriz Figueiredo De Oliveira<sup>1</sup>

Márcia Paulina De Souza<sup>1</sup>

Sheila Aparecida Beraldo Fonseca<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este projeto de pesquisa apresentou como proposta demonstrar como a intolerância pode afetar a saúde mental de mulheres que trabalham na área de serviços gerais e na área de educação, como docentes. Essa avaliação é pouco explorada pelas pesquisas científicas recentes, tendo, porém, uma visão sobre o assunto voltado para os cinco principais tipos de intolerância existentes: racial, social, gênero, religiosa e sexual. Portanto, foi desenvolvida uma pesquisa de campo de caráter descritivo, qualitativo e quantitativo, com aplicação de um questionário semiestruturado em 21 profissionais. Tendo como local de pesquisa a instituição acadêmica Faculdade Ciências da Vida, no intuito de analisar a intolerância e a saúde mental das mulheres no âmbito profissional das áreas de serviços gerais e docência. Os dados apontaram que 80% das profissionais entrevistadas sofrem algum tipo de intolerância dentro da instituição, em maior número a intolerância sofrida foi por coordenadores e colegas de trabalho, ocorrendo na maioria dos casos à intolerância ligada a questão social, econômica e de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intolerância. Mulheres. Saúde Mental.

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho apresentou uma pesquisa onde se tem o intuito de descobrir se as mulheres que ocupam a função na área de serviços gerais e de docência da Faculdade Ciências da Vida sofrerem intolerância e como a intolerância afeta a saúde mental das mulheres no ambiente de trabalho, bem como quais os aspectos que influenciam essa intolerância. Temos como conceituação de intolerância, a expressão de uma vontade de assegurar a coesão daquilo que é considerado como saído de si, idêntico a si, que destrói tudo que se opõe a essa proeminência absoluta.

---

<sup>1</sup> Graduandas de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG; e-mail: luanab\_oliveira03@hotmail.com.

Não se trata, jamais, de mero acidente de percurso; existe uma lógica da intolerância na nossa sociedade. Ela serve aos interesses que se julgam ameaçados (HÉRITIER, 2000).

O Brasil é um dos países com maior diversidade populacional em relação às variações de raça, gênero, orientação sexual, idade, classe social, aparência, nacionalidade, religião, ideologia política e de ciência física e intelectual. No entanto, estatísticas extraídas do “Dossiê Intolerância Visíveis e Invisíveis no Mundo Digital apontam que o Brasil” (2017), em uma lista contendo 83 países, ocupa o 5º lugar nos números de homicídio de mulheres. Segundo antropólogo Luiz Mó (2017), em 2015 houve um aumento de 633% dos casos de xenofobia, 44% dos casos de assassinatos de homossexuais no mundo ocorrem em território brasileiro. Para comprovar a discriminação racial velada do país, temos os dados estatísticos que demonstram que de 2002 a 2012 o número de assassinato de pessoas brancas diminuiu de 19.846 mil para 14.928 mil, enquanto de pessoas negras aumentou de 29.656 mil para 41.127 mil, totalizando quase 3 (três) vezes mais a quantidade de assassinatos de negros. (Dossiê Intolerância Visíveis e Invisíveis no Mundo Digital, 2017).

Nesse contexto de aumento da intolerância no Brasil, pode-se observar que em algumas circunstâncias as mulheres são mais afetadas. A esse respeito, é preciso considerar:

A intolerância no trabalho onde os empregos femininos, além dos salários menores, geralmente são monótonos, com pequeno ou nenhum grau de autonomia na execução das tarefas, menores perspectivas de progressão, vínculos trabalhistas mais precários, movimentos repetitivos, contando com o público e outras características de desgaste psicológicos e emocionais. Eventualmente as trabalhadoras ainda estão sujeitas a assédio psicológico, moral ou sexual, agravando as condições de precariedade e desgaste. (BARATA, 2009).

Todo esse contexto constata os problemas de intolerância no Brasil, comparando os transtornos mentais que ocorrem entre homens e mulheres, com a mesma posição no mercado de trabalho, observa-se que as mulheres são mais afetadas.

Contudo, neste projeto, analisamos se as mulheres que atuam nas áreas de serviços gerais e docência na Faculdade Ciências da Vida com o intuito de saber se elas sofrem as mesmas formas de intolerância no trabalho, e quais são os possíveis transtornos mentais gerados.

A pesquisa foi baseada em uma estratégia quanti-quali e os dados foram coletados junto às profissionais do sexo feminino, da Instituição Faculdade Ciências da Vida, para compor a pesquisa. Através de um procedimento de amostragem aleatório, por conveniência, solicitamos que, a participar da pesquisa, respondessem a um questionário semiestruturado, elaborado pelas pesquisadoras membros do projeto.

Sendo assim, o ponto de partida da pesquisa é investigar se as mulheres que ocupam a função na área de serviços gerais e de docência da Faculdade Ciências da Vida sofrem intolerância. A pesquisa constatou que há um número relevante de mulheres que sofreram intolerância, no ambiente de trabalho onde se realizou a pesquisa.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 CLASSIFICAÇÕES DA PESQUISA**

A pesquisa foi baseada em uma estratégia quantitativa e qualitativa, que teve como finalidade identificar as formas e influências da intolerância na saúde mental das funcionárias dos setores de serviços gerais e educação da Faculdade Ciências da Vida de Sete Lagoas, através de uma pesquisa de campo de caráter descritivo. Após a realização da pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo também foi realizada, por meio de questionário semiestruturado, que permitiu a flexibilidade em aprofundar elementos oriundos no decorrer da análise do questionário.

### **2.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS**

Para que os objetivos propostos sejam alcançados, além da pesquisa bibliográfica, foi realizada a pesquisa de campo visando extrair dados e informações, tais como: quais os tipos de intolerância predominam no meio acadêmico, suas possíveis consequências para a saúde mental e as diferenças existentes entre as classes de educadores e prestadores de serviços gerais da Faculdade Ciências da Vida. A proposta foi a aplicação de um questionário com perguntas semi-abertas para o público feminino, utilizando o procedimento de amostragem, aleatória por conveniência. Posteriormente à aplicação, foi realizada a análise dos questionários para obtenção de dados desejados. Todas foram esclarecidas sobre o objetivo da pesquisa e respeitadas quanto ao interesse de sua participação.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados foram obtidos em pesquisa de campo por meio de questionário semiestruturado, realizada com 21 (vinte e uma) mulheres que foram abordadas e orientadas sobre a aplicação do questionário, onde 18 (dezoito) mulheres responderam e 03 (três) não responderam.

As 18 (dezoito) mulheres participantes da pesquisa possuem idade entre 19 e 55 anos, dentre elas 06 são casadas e 11 solteiras, e uma não respondeu.

Sendo assim utilizando as questões abrangentes, foi possível identificar a existência da intolerância no ambiente de trabalho explorado. O grau de instrução das participantes foi bem diversificado sendo: 02 (duas) mulheres primeiro grau incompleto, 01 (uma) com segundo grau incompleto, 04 (quatro) com segundo grau completo, 01 (uma) cursando o ensino superior, e 09 (nove) com ensino superior completo, e 01 (uma) não respondeu.

Os dados obtidos a partir do questionário revelam que 80% das mulheres entrevistadas da instituição já sofreram intolerância, sendo que a maioria sofreu por coordenadores e/ou colegas de trabalho. Foi observada a omissão de respostas sinceras de alguns participantes, e, conseqüentemente, respostas incoerentes foram obtidas. Durante a aplicação do questionário foi observado pelas pesquisadoras um comportamento de insegurança e medo. Essa análise foi feita através das falas diretas e indiretas, além das suas expressões faciais que demonstravam temor pelo receio da perseguição se fossem identificadas através do cargo exercido, solicitado no questionário, cujo objetivo era distinguir qual dos setores sofria mais intolerância, o de serviços gerais ou a docência. Entre as intolerâncias sofridas se destacam a econômica, a de gênero e a social. Diante disso a maioria não procurou o seu superior e nem se sentiu acolhida pela instituição, além de não terem procurado e nem acharem necessário um profissional da saúde mental. A maioria diz se sentir estressada pela circunstância, algumas até marcaram a depressão e a ansiedade como uma das decorrências da intolerância.

#### 4 CONCLUSÃO

É evidente que 80% (oitenta por cento) das profissionais envolvidas nessa pesquisa sofreram algum tipo de intolerância no trabalho. Diante dessa constatação, visualiza-se que mudanças são requeridas, no intuito de despertar a atenção para a importância da prevenção e tratamento da mesma dentro da entidade. Perante esses resultados sugere-se uma ação preventiva no intuito de amenizar o crescimento da intolerância dentro dessa instituição, que tem em seu elenco profissional em maior proporção na área saúde (Psicologia, Enfermagem, Farmácia, Nutrição) onde se destaca as mulheres. Propõe-se a ampliação desse projeto através do questionário utilizado, no intuito de abranger todos os profissionais que atuam na faculdade, assim tendo a possibilidade de reafirmar ou não, se a intolerância está em sua veracidade em todos os grupos ou apenas nos grupos investigados. A partir desse levantamento cria-se uma equipe multidisciplinar para deliberar as atividades necessárias para atuar na prevenção e na diminuição da intolerância.

---

## REFERÊNCIAS

BARATA, R. B. **Relações de gênero e saúde: desigualdade ou discriminação?** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009. Temas em Saúde coleção, pp. 73-94.

BARRETO, M; HELOANI, R. **Violência, saúde e trabalho: a intolerância e o assédio moral nas relações laborais.** Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 123, p. 544-561, set.2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.036>>. Acesso em: 23 mar.2018

COSTA, C et al. **Dossiê Intolerâncias visíveis e invisíveis no mundo digital** . Nova/sb 2017. Disponível em: <[http://s18628.pcdn.co/wp-content/themes/comunica/dist/dossie/dossie\\_intolerancia.pdf](http://s18628.pcdn.co/wp-content/themes/comunica/dist/dossie/dossie_intolerancia.pdf)>. Acesso em: 23 mar. 2018.

GUIMARAES, CAMPOS, M; PEDROZA, SUCUPIRA, R. **Violência Contra a Mulher: Problematizando Definições Teóricas, Filosóficas e Jurídicas.** Psicol. Soc., Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 256-266, ago. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p256>>. Acesso em: 23 mar.2018.